

PERFIL SANITÁRIO DE BOVINOS DA RAÇA CURRALEIRO: SOROLOGIA PARA BRUCELOSE E LEPTOSPIROSE

ABUD, Lucas Jacomini¹; **JULIANO**, Raquel Soares²; **COSTA**, Gustavo Lage³;
JAYME, Valéria de Sá⁴; **FIORAVANTI**, Maria Clorinda Soares⁵

Palavras-chave: Brucelose, Leptospirose, Bovinos, Curraleiro

1. INTRODUÇÃO (justificativa e objetivos)

No Brasil a introdução de gado bovino data de 1534, em São Vicente, por ordem do donatário dessa capitania hereditária Martin Afonso de Sousa e enviados por sua mulher Dona Ana Pimentel. Considera-se que foram três as vias de introdução: São Vicente, Pernambuco e Bahia. O gado de São Vicente espalhou-se pelo rio das Velhas, chegando até o São Francisco (MG), desde então que essa raça vem passando por um processo de seleção natural. As raças locais, ou bovinos crioulos, obedecendo às denominações por onde passaram, constituíram as raças nacionais. Esses bovinos foram, aos poucos, adaptando-se as condições de pastagens de baixa qualidade, de seca e de calor, resultando, depois de séculos, em animais muitos resistentes a essas difíceis condições (PRIMO, 1992).

Na América Latina o gado crioulo foi a base da pecuária por quase cinco séculos, porém hoje ele encontra-se em ponto de ser totalmente absorvido por outras raças. Os dados hoje disponíveis demonstram extraordinária habilidade combinatória dos crioulos com outras raças, fazendo mais necessária à avaliação de seu potencial e de seu uso racional nos países da América Latina (CAMARGO, 1984).

O gado Curraleiro requer atenção particular, já que até o momento pouco se sabe sobre o número de animais ainda existentes, a localização e características de seus criatórios, bem como, as particularidades fisiológicas e sanitárias da raça (CARVALHO, 1985). O desaparecimento das raças crioulas é uma perda para a ciência, pois inúmeras informações genéticas, como a capacidade de adaptação e a resistência à doenças e parasitas serão perdidas.

O Brasil possui o maior rebanho bovino comercial do mundo, porém, animais não especializados, nutrição deficiente e a conduta sanitária incipiente mantêm o nosso plantel com uma produtividade abaixo do esperado. Problemas ligados à higiene da exploração animal e doenças infecciosas são fatores que influenciam diretamente na saúde do rebanho e na saúde pública da população rural. Doenças como brucelose, tuberculose e raiva determinam perdas nos rebanhos da América Latina na ordem de 500 milhões de dólares/ano, o que de modo indireto provoca graves efeitos sócios-econômicos (VARELA & WERNECK, 1981).

Para RADOSTITIS & BLOOD (1986) qualquer programa de saúde animal obrigatoriamente deve incluir a vigilância de doenças infecciosas específicas. Essa vigilância tem como objetivo primário identificar os portadores para então efetivar a sua eliminação do rebanho.

A brucelose bovina é uma enfermidade causada pela *Brucella abortus*, apresentando-se em todo o mundo como problema sanitário e econômico. Com exceção de um pequeno número de países, onde foi possível a erradicação, sua incidência é considerada alta, particularmente nos trópicos e em países com pouco investimento nas áreas de produção de leite e carne. Caracteriza-se pôr produzir aborto nas fêmeas, orquite e infecção das glândulas reprodutoras acessórias no macho e infertilidade em ambos os sexos, como esterilidade temporária ou permanente e perda de cio, interferindo diretamente na capacidade reprodutora dos

rebanhos, também pode causar a queda de 15% a 25% na produção de leite, por mastites específicas (MEGID et al., 2000).

A leptospirose é uma doença infecto-contagiosa causada por bactérias do gênero *Leptospira*. A doença é endêmica e a morbidade é bastante alta, apesar da letalidade ser baixa. Trata-se de uma zoonose e o contágio pode ser ambiental ou direto, no caso de médicos veterinários e magarefes (CORRÊA & CORRÊA, 1992). Este trabalho teve como objetivo a determinação da frequência de ocorrência de anticorpos anti-brucella e anti-leptospira em rebanhos bovinos da raça Curraleiro.

2. METODOLOGIA

2.1 – Amostragem

Foram avaliados 414 amostras de bovinos Curraleiros, provenientes de dois rebanhos no Estado de Goiás e dois no Estado de Tocantins, escolhidos aleatoriamente. O rebanho 1 era constituído de 107 animais, provenientes de Brasília, Goiânia, Gurupi e São Miguel do Guamá e que haviam sido recém adquiridos e alocados em um criatório no município de Abadia de Goiás; no rebanho 2 foram coletados 72 animais provenientes de uma propriedade no município de Caiçara-GO, no rebanho 3 foram coletados 119 amostras de animais criados em Porto Nacional-TO e o rebanho 4 forneceu 116 amostra de animais de um criatório na divisa do Estado de Goiás com a Bahia.

2.2 – Exames sorológicos

Para diagnóstico da brucelose foi utilizada a prova do antígeno tamponado acidificado: pipeta-se 0,33 ml de soro e 0,33 ml de antígeno em uma placa de vidro e posteriormente, para os animais positivos, será realizada a prova 2-mercaptoetanol, seguindo orientação proposta pelo Ministério da Agricultura (MAPA, 2002).

Para o diagnóstico da leptospirose foi empregada a técnica de soroaglutinação microscópica (SAM), utilizando-se uma coleção de antígenos vivos que incluiu variantes sorológicas de leptospiros patogênicas (bratislava, castellanis, canicola, grippotyphosa, hebdomadis, copenhageni, icterohaemorrhagiae, pomona, pyrogenes, hardjo, wolffi, shermani, tarassovi) seguindo a metodologia proposta pelo Ministério da Saúde (BRASÍLIA, 1989)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A frequência de ocorrência de brucelose foi de 2,66%, tendo uma representação de 1,87%, 3,37%, 2,52% e 1,38% para as propriedades de um a quatro, respectivamente. Segundo dados oficiais (MAPA, 2002), a prevalência de brucelose no Brasil foi avaliada entre os anos de 1989-1998, encontrando porcentagens entre 4% a 5%. Portanto os rebanhos de gado Curraleiro apresentaram valores inferiores aos já estabelecidos para outras raças no território nacional.

O teste de 2-mercaptoetanol não foi realizado porque todos os animais positivos apresentavam-se em idade inferior a 24 meses. Segundo a orientação do MAPA (2002) o diagnóstico confirmatório só é recomendado em animais acima de 24 meses de idade a fim de evitar resultados falso positivos pela detecção de anticorpos vacinais.

A prevalência geral de leptospirose foi 37,20 %, sendo que a propriedade 1 apresentou 66,35%, a propriedade 2 obteve 8,00% e as propriedades 3 e 4 tiveram 30,25% e 34,78%, respectivamente. Esses resultados são bem próximos dos obtidos por FAVERO (2000) que encontrou uma média de 37,94%, com flutuações na faixa de 25,2% a 38,3% nos estados de SC, CE, PR, DF, SP e PA. Por outro lado, os resultados deste estudo ficaram abaixo da prevalência encontrada por esse autor, que relatou 40,7% a 58,4% nos Estados de PB, TO, R.J, MG, GO, RO, RN, PI, MA e AL e superior a 61,0% nos estados da BA, ES, MS e MT. A exceção foi a

propriedade 2 que apresentou prevalência muito abaixo das observadas em todos os estados do Brasil

A prevalência por sorovar foi bastante variada, sendo o hardjo, wolffi e grippotyphosa os mais freqüentes em todos os rebanhos. A presença de hebdomadis, icterohaemorrhagiae foi bastante importante na propriedade 1. As variantes sorológicas mais prováveis por rebanho foram hardjo nos rebanhos do estado do RN e DF; hardjo e wolffi no MA, AL, BA, ES, MS, SP, RJ e GO; hardjo e grippotyphosa em TO (FAVERO, 2000). JULIANO (1999) também encontrou maiores prevalências para hardjo, wolffi e icterohaemorrhagiae no rebanho leiteiro da região de Goiânia.

4. CONCLUSÃO

A partir dos resultados obtidos e nas condições em que foi realizado esse trabalho, pode-se concluir que a prevalência de brucelose nos rebanhos curraleiros está abaixo da citada pelo órgão oficial de defesa sanitária. A prevalência de aglutininas anti-leptospira esteve próxima ou abaixo dos valores encontrados para outras raças do rebanho nacional. O tipo de sorovar predominante em cada criatório foi diferenciado, refletindo variações climáticas e geográficas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASÍLIA. Ministério da Saúde, Fundação Nacional de Saúde, Centro Nacional de Epidemiologia, Coordenação de Controle de Zoonoses e Animais Peçonhentos. Manual de controle da leptospirose, Brasília, 1989, 98p.

CAMARGO, A. H. A. A necessidade de preservar e selecionar o gado crioulo. Dirigente Rural, São Paulo, p.26-31, 1982.

CARVALHO, J. H. Pé-duro, patrimônio preservado no Piauí. Dirigente Rural, São Paulo, p. 26-28, 1985.

FÁVERO, A. C. M. Estudo retrospectivo dos exames sorológicos realizados pelo Laboratório de Zoonoses Bacterianas da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo, no período de 1984 a 1997. 2000. 64f. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária). Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo.

JULIANO, R. S. Estudo da prevalência e aspectos epizootiológicos da leptospirose bovina, no rebanho de fêmeas mestiças produtoras de leite na microrregião de Goiânia-GO. 75p. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Goiás, Escola de Veterinária, Goiânia-GO. MAPA, Coordenação de Informática, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Apresentação de texto de Defesa Animal. Disponível em www.agricultura.gov.br/das/ssa/das/pncebt.htm . Acessado em 15 setembro 2002.

PRIMO, A. T. El ganado bovino Iberico en las Americas: 500 años despues. Archives de Zootecnia, Buenos Aires, v.41, p.421-432, 1992.

RADOSTITIS, O. M.; BLOOD, D. C. Manual de controle da saúde e produção dos animais. São Paulo: Manole, 1992. 1793p.

VARELA, G. M.; WERNECK, G. J. Sanidade animal, a necessidade de uma conscientização. Informativo Agropecuário, Goiânia, v.7, n.73, p.2, 1981.

¹ Bolsista de iniciação científica. EV/UFG lucasabud69@hotmail.com

² Aluna de Doutorado EV/UFG

³ Aluno de Graduação EV/UFG

⁴ Professora Doutora EV/UFG

⁵ Orientador. EV/UFG clorinda@vet.ufg.br